

O VOO VEGETAL E A SUA CALIGRAFIA NA NATUREZA: ECOCRÍTICA E POESIA CONTEMPORÂNEA

*The Vegetal Flight and Its Calligraphy in Nature:
Ecocriticism and Contemporary Poetry*

Magno da Guarda Almeida

Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas.
E-mail: magnoalmeida.al@gmail.com
ORCID iD: 0000-0001-8471-8471

Gustavo Félix Bezerra

Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas.
E-mail: gustavo@felixoliveira.com
ORCID iD: 0009-0006-7148-8527



RESUMO: Este estudo comparativo entre os textos "Poema das Árvores" de António Gedeão e "Árvore" de Manoel de Barros, sob a perspectiva da Ecocrítica, examina a relação entre a natureza e a poesia e a cultura, explorando a subjetividade vegetal e a dissolução das fronteiras antropocêntricas. As árvores são vistas como símbolos de resistência silenciosa e sabedoria, conectando-se às ideias teóricas de Donna Haraway (2016), Ailton Krenak (2020), Cheryll Glotfelty (1996), Antonio Candido (1989) sobre o Chthuluceno, cosmopoéticas, Ecocrítica e direito à literatura e à fabulação, revelando uma profunda interconexão entre seres humanos, poesia, natureza e espiritualidade, em diálogo com outros poetas, escritores e teóricos, além das fotografias artísticas de Xavi Bou.

Palavras-chave: Ecocrítica; Chthuluceno; Antropoceno; Poesia contemporânea.

ABSTRACT: This comparative study between the texts "Poema das Árvores" by António Gedeão and "Árvore" by Manoel de Barros, from the perspective of Ecocriticism, examines the relationship between nature and poetry, and culture, exploring vegetal subjectivity and the dissolution of anthropocentric boundaries. Trees are seen as symbols of silent resistance and wisdom, connecting to theoretical ideas from Donna Haraway (2016), Ailton Krenak (2020), Cheryll Glotfelty (1996), Antonio Candido (1989) on the Chthulucene, cosmopoetics, Ecocriticism, and the right to literature and storytelling, revealing a profound interconnection between humans, poetry, nature, and spirituality, in dialogue with other poets, writers, and theorists, alongside the artistic photographs of Xavi Bou.

Keywords: Ecocriticism; Chthulucene; Anthropocene; Contemporary Poetry.

1 Uma definição de poesia pelos pássaros

Início este estudo comparativo, sob o foco e a perspectiva da Ecocrítica, entre os *Poemas das árvores* (1990), do português António Gedeão e *Árvore* (2003) do brasileiro Manoel de Barros, intentando possíveis diálogos entre os poetas em questão, além dos teóricos e teóricas que surgirão nesta tessitura — com destaque para os postulados críticos de Donna Haraway (2016) e as suas discussões sobre o conceito de Chthuluceno —, criar fissuras no tempo, na ideia de existência humana, propondo que, apenas a poesia¹ em sua capacidade corrosiva, salva, amplia, pacífica, compreende. Mas, antes de tudo, há uma tentativa de conceituar a poesia, nesta pequena introdução, para a qual busco auxílio dos pássaros que, enquanto voam, expandem as suas "escrituras" no céu.

A primeira pergunta que surge é: e se os pássaros, durante o voo, deixassem rastros no céu, como se configurariam, materialmente falando, essas marcas no espaço? Essa dúvida percorre há anos o imaginário do artista fotógrafo e naturalista espanhol Xavi Bou que se dedica a revelar, em outras palavras, o invisível. Bem como as ondulações no solo criadas pela passagem de uma cobra; as escamas coloridas das borboletas deixadas pelo caminho após a sua passagem, ou até mesmo o trabalho do poeta ao deixar para a humanidade a marca etérea de seu trato com a linguagem e a criação de outros mundos possíveis, Bou imaginou a possibilidade de capturar os chamados padrões que as aves delineiam ao voar. No entanto, a invisibilidade

¹ No contexto deste estudo, que se contrapõe às ações do Antropoceno, possibilitado pelos postulados críticos de Haraway e diversos outros autores e autoras da Ecocrítica, abraçarei a poesia como uma força vital e reveladora, uma maneira pessoal e filosófica de estar no mundo, que transcende os limites do conhecimento rígido e compartimentado. Assim, a poesia se torna uma ponte iluminando os nossos pés para um caminhar menos fatigado, explorando e exibindo novas possibilidades, desafiando a concepção estreita que rejeita o discurso poético, a ficção, a literatura e outras linguagens artísticas como meio de entendimento profundo.

dos rastros deixados pelos pássaros motivou que o artista criasse imagens inovadoras, ultrapassando a marca de simplória observação da vida em seu contexto selvagem. E, usando câmeras de vídeo para o registro do movimento das aves e extraindo das imagens das filmagens em alta resolução, segundo o artista em entrevista para o TEDxKonstanz, em 2022, sobrepõe os quadros individuais para formar uma única imagem, como se estivesse desvendando um segredo oculto. O processo, intitulado “Ornitografias”, une seu apressado e paixão pela natureza com técnicas fotográficas, resultando numa espécie de “fusão”, entre a técnica, o maquinário e o artístico, o invisível criando o visível. Assim, cada captura unifica uma espécie de poética das aves que desenham no céu sua caligrafia ou, o que chamo de *outras* definições para a poesia.

O processo analítico, criativo, artístico e extremamente minucioso de Xavi Bou pode ser encarado como uma definição de poesia que “voa pra fora da asa” (Barros, 2006). A descrição compositiva das ornitografias exemplifica, em muitas instâncias, o que diversos/as teóricos/as e estudiosos/as da palavra e especialmente do verso, sejam pesquisadores/as, professores/as e/ou poetas, definiram como poesia. Para Antônio Cândido (1987), por exemplo, a poesia é definida como uma forma de expressão literária que se distingue pela sua capacidade de criar uma tensão única e profunda — facilmente aproximações com o caminho dos pássaros em registro por Bou. Acreditando que, seja o verso ou a prosa, temos a expressão literária que definem graus de tensão, e sendo partes majoritariamente da ceara da literatura, eleva o ser humano. Já na apresentação d’*Os Cantos*, de Ezra Pound, o crítico Gerald Thomas, elucida — com o verbo *cantar*, exercício agregado à existência dos pássaros que

também preenche o ofício dos poetas e outros artistas, aludindo à antiga poesia épica, nos feitos da poesia de Homero — que

Cantar um poema já é uma coisa sublime, difícil, quase impossível. Agora, escrevê-lo sem cantá-lo, mas chamá-lo de Cantos, como se escrevê-lo cantado, assim como um compositor surdo, Beethoven, tendo que imaginar sua sinfonia inteira naquelas cinco linhas de uma partitura... ah, isso é trabalho de um Hércules! Ou de um Ulisses ou qualquer outra odisséia qualquer galaxiana, física, metafísica, já que não se pode “quedar”. (Thomas, 2006, p. 6.)

Ezra Pound, com *Os Cantos*, em sua expertise poética, parece se assemelhar a um pássaro e a sua engenharia orgânica para o som do canto. Para o poeta Antônio Gedeão, a poesia pode ser problematizada como uma fusão entre a ciência e a arte. Acreditou o poeta, veementemente, que a poesia é definitivamente uma maneira de celebrar a vida e a ciência, materializando-se, desta maneira, numa expressão do sonho e da amigação. Destaca, que precisamos enxergar o sonho como comandante de nossas vidas e a poesia definitivamente é uma forma de encontro com a liberdade e a verdade — duas palavras estas que atravessam a ideia de pássaro, se pensarmos de maneira menos utilitária e mais poética.

Para Manoel de Barros, um sujeito, a meu ver, hiper conectado à simplicidade e a natureza, encara a poesia como uma forma de dar voz ao considerado inútil e insignificante. E que embora a poesia esteja contida nas pequenas coisas, é uma possibilidade de conhecer o mundo poetizando o olhar, ressignificando o que chamamos de coisas pequenas e cotidianas. No documentário *Só Dez Por Cento é Mentira* (2010), instaura que “poesia é a virtude do inútil”. Assim, pergunto-me,

tomando o pensamento de Barros como luz, quem estaria realmente interessado em desvendar o caminho que um pássaro traça no céu? Relativamente, em essência, seria o mesmo que questionar a utilidade do poema e o seu poder de transformar o mundo. Diante de um universo fragmentado, repleto de filtros, urgências, com o foco na competição e não no simples convívio com outros indivíduos, sem nomeá-los adversários, quem daria atenção a tais questões? Talvez, um grupo seletivo, infelizmente, como eu, que escrevo essas inquietações neste estudo e você que as lê (sem a pretensão de soar arrogâncias).

Tanto Gedeão quanto Barros, poetas centrais neste estudo comparativo, ao buscarem definições do que é poesia, a apresentam como uma maneira de transformar a nossa percepção da realidade e do que consideramos real. Nesse sentido, ao observar o balé de asas pintando o céu com o seu artifício artístico, Bou parece partilhar da mesma ideia, uma vez que o seu trabalho artístico não preza unicamente por um mero registro fotográfico, é possível que compreendamos possíveis outros significados tais como — já mencionado anteriormente para descrever o trabalho do fotógrafo —: poesia é a revelação do invisível; são padrões que as aves desenham ao voar; é algo que vai além da simples observação da vida selvagem; criadora de imagens inovadoras; criadora de imagens ocultas.

Dito isto, seguem algumas Ornitografias retiradas da matéria “Se pássaros deixassem pegadas no céu, elas seriam assim” (2020), escrita pela jornalista Catherine Zuckerman, para a National Geographic, a fim de ilustrar essa caligrafia pássara, poesia materializada em imagens:



Figura 1: Fotografia de Xavi Bou



Figura 2: Fotografia de Xavi Bou



Figura 3: Fotografia de Xavi Bou

2 O Voo Vegetal: Ecocrítica e a poesia de Gedeão e Barros

Xavi Bou, com o seu trabalho poético em imagens fotográficas, assim como os poetas António Gedeão e Manoel de Barros, nos ajudam a pensar uma caligrafia da natureza. As ornitografias em questão, que expõem essa trajetória dos voos dos pássaros pausada, a fim de que possamos ver a escrita de seus caminhos no céu, também nos fazem questionar os limites da percepção humana, tal qual o poema. Desse modo, este artigo põe lado a lado António Gedeão e Manoel de Barros com os textos poéticos respectivamente “Poemas das árvores” e “Árvore”, intentando encontrar as vias de diálogos, sob a percepção da Ecocrítica, nos fazendo, tal qual Bou, questionar não somente os limites da percepção, mas de que modo(s) a poesia pode nos conceder uma maneira prática de como sobreviver às interrupções da vida que nos chegam a todo momento, estando todos nós imersos à lama desse sistema econômico e de produção que nos aniquila. A poesia, portanto, deve, como no poema *sem título*, de Paulo Leminski, nos encandear para as certezas dos caminhos traçados com o auxílio de olhos-luzes, caminhos estes que são os do poema e os da própria vida:

Acenda a lâmpada/ Às seis horas da tarde/
Acenda a luz dos lampiões/ Inflame a chama dos salões/
Fogos de línguas de dragões/
Vagalumes/ Numa nuvem de poeira de néon/
Tudo claro/ Tudo claro à noite, assim que é bom/
A luz/ Acesa na janela lá de casa/ O fogo/
O foco lá no beco e um farol/ Essa noite/ Essa noite vai ter sol/
Essa noite/ Essa noite vai ter sol. (Leminski, 2013, p. 377).

Antônio Gedeão, pseudônimo de Rómulo Vasco da Gama de Carvalho, (1906-1997), foi um poeta, professor e cientista português cuja

obra poética reflete profundamente sobre a condição humana, a natureza e o universo científico. Seu vasto temário poético, está impregnado de um sentido filosófico, existencial e contemplativo, estabelecendo uma conexão entre a ciência, a natureza e o existencialismo humano. Em “Poema das Árvores,” Gedeão explora a solidão das árvores e como a simplicidade da vida vegetal, pode ser considerada uma metáfora para as profundezas e introspecção do ser humano, já que não há ação nem presença humana. Destacando a relação silenciosa, porém fundamental, que as árvores têm com a vida na terra, torna-a ponto central do poema.

Manoel de Barros (1916-2014), foi um poeta brasileiro conhecido por celebrar a natureza e a simplicidade em suas obras. Sua poética, muitas vezes centrada no Pantanal brasileiro, reinterpreta e reinventa a linguagem e a natureza de maneira singular e filosófica. Em “Árvore,” Barros personifica a árvore como um ser dotado de sabedoria e espiritualidade, ao desumanizar e “arvorificar” a figura do “irmão”, personagem presente no poema, revelando a profunda conexão entre os seres humanos e o mundo natural. Sua poesia pode ser vista como uma eco-poética que valoriza o pequeno, o inútil e o marginal, capturando a essência do mundo natural. Barros destaca a importância das árvores e dos pássaros, criando uma poesia que podemos chamar de “poesia das aves” ou “poesia arbórea”. Aqui estão os poemas:

Poema das árvores

As árvores crescem sós. E a sós florescem.

Começam por ser nada. Pouco a pouco se levantam do chão, se alteiam palmo a palmo.

Crescendo deitam ramos, e os ramos outros ramos,

e deles nascem folhas, e as folhas multiplicam-se.

Depois, por entre as folhas, vão-se esboçando as flores,
e então crescem as flores, e as flores produzem frutos,
e os frutos dão sementes,
e as sementes preparam novas árvores.

E tudo sempre a sós, a sós consigo mesmas.
Sem verem, sem ouvirem, sem falarem.
Sós.
De dia e de noite.
Sempre sós.

Os animais são outra coisa.
Contactam-se, penetram-se, trespassam-se,
fazem amor e ódio, e vão à vida
como se nada fosse.

As árvores, não.
Solitárias, as árvores,
exauram terra e sol silenciosamente.
Não pensam, não suspiram, não se queixam.
Estendem os braços como se implorassem;
com o vento soltam ais como se suspirassem;
e gemem, mas a queixa não é sua.

Sós, sempre sós.
Nas planícies, nos montes, nas florestas,
A crescer e a florir sem consciência.
Virtude vegetal viver a sós
E entretanto dar flores.
(Gedeão, 1990, p. 129)

Árvore

Um passarinho pediu a meu irmão para ser uma árvore.
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de
sol, de céu e de lua mais do que na escola.
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo

mais do que os padres lhes ensinavam no internato.

Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore, aprendeu melhor
o azul.
E descobriu que uma casa vazia de cigarra,
esquecida
no tronco das árvores só serve para poesia.
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu
que as
árvores são vaidosas.
Que justamente aquela árvore na qual meu
irmão se
transformara, envaidecia-se quando era
nomeada para
o entardecer dos pássaros.
E tinha ciúmes da brancura que os lírios
deixavam nos
brejos. Meu irmão agradecia a Deus aquela
permanência em árvore porque fez amizade
com muitas
borboletas.
(Barros, 2006, p. 32)

A ecocrítica nos ajuda a entender como a poesia pode refletir e influenciar as discussões sobre a relação entre nós, seres humanos, e o ambiente natural. Nos poemas de António Gedeão e Manoel de Barros, encontramos perspectivas diferentes, mas que se complementam, sobre essa conexão. Eles dialogam com ideias modernas de ecologia, sustentabilidade e a visão de um mundo pós-humano. A partir dos conceitos explorados por diversos estudiosos da Ecocrítica, chegamos à Haraway e o que se conceitua Chtuluceno.

Nesta perspectiva, a teórica — bióloga e filósofa estadunidense, conhecida por suas contribuições nos campos dos estudos de ciência e tecnologia, teoria feminista e estudos animais —, em seu estudo intitulado “Antropoceno, Capitaloceno, Plantetionceno, Chtuluceno: fazendo parentes” (2016), explora diferentes conceitos para compreender a era

geológica atual e suas implicações, criticando a visão predominante e predatória do antropoceno — era em que os humanos impactam significativamente o planeta, a exemplo, dos altos níveis de poluição, mudanças climáticas, extinção de diversas espécies animais e vegetais —, propondo alternativas que levam em conta a complexidade das relações entre humanos e outras formas de vida.

Haraway critica a centralidade humana antropocena e seus efeitos e, ao mesmo tempo, busca por terminologias que reconheçam as interconexões entre humanos e não humanos. Chthuluceno, termo advindo da palavra chthonic, que significaria algo relativo à terra ou ao subterrâneo, junto com o sufixo “cene” do grego, “novo ou recente”, sugere uma nova era em que humanos e outras formas de vida coevolam e coexistam de maneira integrada e simbiótica. A partir das conceituações de Haraway (2016), enfatiza-se um questionamento: se nós, aqueles e aquelas que têm contato com a poesia ao sermos permeados pelo poder que tem a palavra poética, adentrando esta ideia chthulucena, uma vez que é também dentro do poema que nos interconectamos com todas as formas de vida, no plano da palavra, que ali estão/estarão, seria o poema, a literatura, as artes uma via possível para se pensar o Chthuluceno? Provavelmente, podendo assim tomar os poemas acima como resposta a esta pergunta.

Percebemos que tanto Gedeão — professor de física e química que envereda por uma carreira centrada na escrita de poesia, centralizando em sua obra o sonho e a liberdade —, quanto Barros — que abandonou a sua carreira de advogado, mudando o seu estilo de vida e transportando as suas raízes para o Pantanal em busca de uma coexistência com os bichos —

possuem diálogos em comum, para além dos poemas em questão, podemos dizer que foram sujeitos que abandonaram certa concretude para servir a poesia e, assim partilhavam, num determinado plano subjetivo, a palavra como fonte, ideia que contempla, de muitas formas o pensamento de Haraway (2016), e as minhas indagações acerca de seus postulados teóricos: poeta é por excelência uma incorporação material do Chthuluceno.

O poeta português, ao descrever o processo genealógico de uma árvore nos lança questionamentos sobre as relações de sobrevivência das espécies arbóreas num contraponto a nós humanos. Entre os poemas há uma relação dialógica a partir da ideia de humanização que se faz das árvores. No poema de Gedeão ela é o centro ao explicar a sua genealogia, multiplicação e solidão. Tem uma árvore consciência de sua solidão? A resposta está nos versos do poema onde o poeta conecta traços humanos às árvores, definitivamente expondo que esse é o mais próximo que pode chegar o Antropoceno, uma vez, como já mencionado, que no poema há a descentralização da figura do humano:

Solitárias, as árvores,
exauram terra e sol silenciosamente.
Não pensam, não suspiram, não se queixam.
Estendem os braços como se implorassem;
com o vento soltam ais como se suspirassem;
e gemem, mas a queixa não é sua.
(Gedeão, 1990, p. 129).

Em seguida, as árvores soltam “ais”, vocalizam sons, suspiram, gemem. Porém, mesmo enfatizada a sua falta de consciência, há uma virtude vegetal. No poema, árvores são apresentadas como seres que crescem e florescem sozinhas, sem interação social. A solidão das árvores é vista como uma virtude que ultrapassa a nós humanos, outro

contraponto à ideia de Antropoceno, que teme a solidão. Não à toa, estamos nós nos transformando em máquinas orgânicas travestidas por filtros sem controle, encarando a necessidade fulcral da aprovação do coletivo, mas ao mesmo tempo temendo a solidão. Quem está vivenciando experiências verdadeiramente presenciais e coletivas dentro dessa era tecnológica, especialmente através das redes sociais?

Quanto à forma, o poema de Gedeão apresenta uma estrutura composta por versos livres, sem rima fixa. O ponto crucial do poema é refletir a natureza solitária e independente das árvores, através de uma linguagem direta e bastante descritiva, contendo certas repetições que focalizam a solidão e a independência desses seres vegetais. O poema é iniciado com a apresentação desta ideia: “As árvores crescem sós. E a sós florescem./ Começam por ser nada. Pouco a pouco/ se levantam do chão, se alteiam palmo a palmo” (Gedeão, 1990, p. 129).

Sabemos que há na natureza diversas espécies de árvores que contam com uma colaboração de diversos animais e de outras árvores para sobreviverem, mas que ainda assim, fogem da ideia de antropocêntrica de interação social. Logo, é capaz de produzir beleza e continuidades através de suas flores e frutos, contrapondo-se aos animais que, como aponta o eu lírico gedeano, são outra coisa:

Os animais são outra coisa.
Contactam-se, penetram-se, trespassam-se,
fazem amor e ódio, e vão à vida
como se nada fosse.
(Gedeão, 1990, p. 129).

Temos ainda a possibilidade de analisarmos o poema como uma reflexão sobre a independência da natureza em relação aos

humanos, pois as diversas espécies crescendo e florescendo sozinhas, representam um ecossistema que funciona sem a ação humana, destacando dessa forma, o que podemos chamar de “resiliência” e a autonomia da natureza. Um movimento cíclico e independente de manutenção da vida das espécies de um determinado lugar. Nesse quesito, ao se pensar na solidão das árvores exposta poeticamente através de Gedeão, conectamo-nos à visão de Haraway (2016), em diálogo com as perspectivas da Ecocrítica, pois, a partir do seu estudo, tece considerações sobre a necessidade de fazermos “parentes” problematizando e repensando a nossas relações com outras espécies, sugerindo que os humanos devem aprender a respeitar a independência da natureza.

Essa aprendizagem apresenta-se na última estrofe do poema em questão onde, não importando o lugar, e sempre a sós as árvores, apesar do solo, clima e outros fatores de interferência, florescem, mas sem consciência disso — ideia que parece fazer uma crítica direta à vida que nós humanos levamos sempre compartimentando as coisas e as ideias ao nosso redor. Como expõe Haraway (2016), nenhuma espécie, tampouco a nossa, com sua arrogância intrínseca que finge ser construída de bons indivíduos, age sozinha, diferentemente da árvore presente no poema gedeano que, com sua virtude vegetal, mesmo carregada de solidão, entretanto, nos presenteia com as flores — estas sendo, segundo nos leva o poema a pensar, o ponto máximo da existência de uma planta, dar ao mundo a beleza das cores e perfumes de suas flores:

Sós, sempre sós.
Nas planícies, nos montes, nas florestas,
A crescer e a florir sem consciência.

Virtude vegetal viver a sós e entretanto, dar flores.

(Gedeão, 1990, p. 129).

No poema de Manoel de Barros, a humanização inicia por meio do pedido de um pássaro a um humano, unindo assim as discussões chtuhlucênicas da relação entre os seres, onde o contato com os pássaros e a aceitação a um estado de consciência vegetal, faz com que o “irmão”, sujeito presente no poema, ao ser árvore, aprende com elementos da natureza, mais do que na escola, como evidenciado nos versos primeiros:

Um passarinho pediu a meu irmão para ser uma árvore.

Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.

No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de

sol, de céu e de lua mais do que na escola.

(Barros, 2006, p. 32).

O poema transforma assim a escola, local que desde a mais tenra infância nos aproxima dos outros humanos, mas que, de alguma forma, parece ser mais importante e maior essa relação de conexão e interação com a natureza, nos levando a uma ideia de Utopia, para que encaremos a natureza como fonte superior de sabedoria. Assim sendo, a vida selvagem pode e supera a ideal relacional e extremamente predatória do Antropoceno, com exceção, diria, dos povos originários e quilombolas verdadeiramente comprometidos com o ecossistema.

A escola no antropoceno parece ser a casa, o palco da aprendizagem, o fio condutor das relações pessoais e sociais com outros indivíduos. A poesia de Barros, torna esse templo do conhecimento a própria natureza, que é igualmente lar, palco e conexão entre

mundos, relações, vivências para a sobrevivência e multiplicação de todas as espécies selvagens, por exemplo. Tal manifestação emparelha-se com a ideia primordial adensada por Glotfelty. Quando Barros, em sua poética expõe o minúsculo, talvez esteja nos convidando a olhar para a relação que exercemos com a natureza, a partir de uma interseção entre a poesia, os estudos literários, de modo geral, e as questões ambientais, marca teórica defendida por Glotfelty em seu estudo intitulado “Estudos literários em era de crise ambiental”. Cheryl Glotfelty, importante estudiosa do campo da Ecocrítica, coeditora da obra *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*, de 1996, fundamental para a compreensão da ecocrítica como uma disciplina presente no meio acadêmico, podemos assim considerar, aborda a importância da literatura contemporânea na compreensão e enfrentamento da crise ambiental, argumentando que a literatura pode nos ajudar a reconhecer a interconexão entre humanos e o ambiente natural, além de provocar diversas inquietações para que possamos nos movimentar, nos inspirar e partir para mudanças sociais e políticas.

Voltando ao poema, ao refletir sobre a vocalização do pássaro, no verso primeiro do poema, através do verbo “pedir”, lembro-me automaticamente de uma matéria lida há poucos dias no Jornal da USP, publicada em agosto deste ano. A matéria destaca avanços na bioacústica, revelando que elefantes utilizam nomes próprios para se comunicar e cachalotes possuem algo que podemos intitular “alfabeto fonético” complexo para suas interações — tal qual, à priori, o pássaro do poema em questão, concorda? Acredito que, para além das questões políticas e sociais que envolvem a ideia de Chtuhluceno, reflito que a

comunicação entre humanos e outros seres vivos, reino vegetal, animal, fungi, pode ser relacionado a uma perspectiva mais afetuosa que ultrapasse o poder da ciência, fazendo com que nós humanos não estejamos acima, mas coexistindo com as outras espécies, ponto fulcral das percepções de Haraway (2016).

Tanto os elefantes, animais extremamente inteligentes, quando se fala de sobrevivência, relação parental e em comunidade que demonstra extrema capacidade relacional, quanto às baleias, os golfinhos, os gatos e cães domésticos, as abelhas, desempenham papéis fundamentais para a manutenção do ecossistema. Estas, por exemplo, com a polinização, responsável por cerca de 73% das plantas cultivadas, (National Geographic Brasil, 2022). Sem elas, haveria um colapso na produção de alimentos e na biodiversidade, afetando diretamente a vida humana e os ecossistemas. A extinção das abelhas poderia levar à perda de muitas espécies de plantas e animais, além de comprometer a regeneração das florestas. Portanto, proteger as abelhas é crucial para a sustentabilidade do planeta (repetimos aqui, mesmo com toda a sua obviedade, infelizmente, não para as grandes indústrias e monoculturas predatórias). Sua extensão está definitivamente ligada à ação do antropoceno que, na visão da teórica estadunidense:

Marca descontinuidades graves; o que vem depois não será como o que veio antes. Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstruir os refúgios. (Haraway, 2016, p. 140).

Falar em “irracionalidade animal” parece-me um termo que precisa urgentemente ser

revisitado e ainda mais contestado. O nível de complexidade das interações entre humanos e outras espécies, como argumenta Haraway, revela que “os animais são companheiros significativos na construção de mundos” (2021, p. 45). Pensar na construção de mundos é também criar no plano da ficção uma materialidade. Como já definido acima, pássaros criam caligrafias no céu, e pode ser interpretado e equiparado, no registro do fotógrafo Bou, a escritura de um poema, por que não? Carlos Drummond de Andrade nos conduz, através do poema *História natural*, que o mundo pode não ser definitivamente o que pensamos, crítica já tecida aqui nas discussões, ao creditar como válido apenas esse tipo de pensamento institucionalizado, academicista, eurocentrado, nos fazendo silenciar toda uma filosofia ancestral indígena, quilombola, por exemplo:

Cobras-cegas são notívagas.

O orangotango é profundamente solitário. Macacos também preferem o isolamento. Certas árvores só frutificam de 25 em 25 anos.

Andorinhas copulam no voo.

O mundo não é o que pensamos.

(Andrade, 2015, p. 22).

O estudo acima sobre o sistema bioacústico nos animais, mostra a sofisticação das comunicações entre eles, sugerindo uma profundidade e complexidade na interação e identidade que ressoa com a solidão e a independência das árvores nos poemas de Antônio Gedeão e Manoel de Barros. Portanto, como as árvores de Gedeão florescem e se comunicam em silêncio e as de Barros “aprendem melhor o azul”, fazendo uma alusão ao conhecimento e sensibilidades extraídos da relação com a natureza, os elefantes e cachalotes demonstram formas complexas de comunicação que ocorrem muitas vezes fora

da percepção humana, destacando a riqueza e a autonomia da vida natural plena.

Em diálogo com a matéria da Nacional Geographic de 2022, citada acima, a escritora brasileira Carola Saavedra nos incute uma reflexão permeada de sentidos, em que, por ventura, a palavra “natural” precise de uma revisão no seu sentido, ao menos da forma que o antropoceno impõe a ela: “Sabe-se que as baleias têm linguagem (inclusive dialetos) e que os elefantes choram seus mortos. Nada é natural na natureza.” (Saavedra, 2021, p. 14).

No poema “Árvore”, o eu lírico evidencia a ideia de que a natureza se torna o lugar mais almejado junto dos bichos. Na estrofe abaixo, nos certificamos que a natureza é o lugar idílico em que o “irmão”, adentra outros campos do conhecimento e de suas sensibilidades quando do estágio de ser árvore, por exemplo: mais do que padres, com a sua formação em cátedras, lugares ditos sagrados, aprendeu esse irmão, para santo, num nível superior, assim como o perfume de Deus — a figura detentora de toda sabedoria, força, bondade, ou seja, a mais utópica entre todas. Para além disso, no estágio de ser árvore, seu olho — a janela da alma — aprendeu melhor o azul. Ou seja, a natureza, através do estado de ser árvore proporcionou a esse sujeito a possibilidade da fabulação, tão essencial e necessária para a nossa sobrevivência e formação:

No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato.

Aprendeu com a natureza o perfume de Deus. Seu olho no estágio de ser árvore, aprendeu melhor o azul.

E descobriu que uma casa vazia de cigarra, esquecida no tronco das árvores só serve para poesia.

(Barros, 2006, p. 32).

A fabulação, o sonho nos permitem uma vida menos compartimentada, como defende, em seu texto bastante conhecido “Direitos humanos e Literatura”, o teórico e professor brasileiro Antonio Candido, o qual foi um dos maiores defensores de que a literatura deveria ser um dos direitos mais básicos do ser humano, porque a ficção, o grande poder da fabulação está diretamente conectado na atuação do caráter e na formação dos indivíduos, pois a literatura torna-se, segundo Candido “o sonho acordado da civilização” (1989, p. 112). Dessa forma, como o equilíbrio psíquico depende dos sonhos durante o sono “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (p. 112).

No poema de Manoel de Barros, também encontramos versos livres, mas com uma “narrativa” um pouco mais fluida e poética que perpassa elementos da natureza com a experiência humana, diferente do poema de Gedeão em que não há a interferência da figura humana. Diante de uma linguagem considerada mais metafórica e introspectiva, intenta-se explorar a transformação e aprendizagem através da natureza. O poema fixa-se à mudança de um ser humano, o “irmão”, em árvore e destaca a aprendizagem e a conexão existente em profundidade com o ambiente natural. A árvore é personificada e vai ganhando contornos e características humanas. Esta alteração em árvore pode ser interpretada como uma maneira de alcançar um conhecimento mais profundo e espiritual, uma conexão íntima com as belezas e mistérios da natureza. Pois, “é no estágio de ser árvore” (Barros, 2006), como no primeiro verso da última estrofe do poema, que o “irmão” descobre que as árvores são vaidosas, envaidecem-se quando nomeadas para o entardecer dos pássaros. Esta espécie de comunicação mais profunda com a árvore,

através da unificação entre o ser vegetal e o “irmão”, lembra-me o processo de investigação de Charles Rose, conhecido no Instagram e em outras plataformas como @chasseurdesons.

Ele é um artista que captura e compartilha sons da natureza, especialmente os cantos de pássaros e árvores, de uma maneira profundamente poética. O artista funde-se, de algum modo, aos bichos, vegetais, às árvores, conectando o seu corpo aos troncos, à água do mar através de super microfones que captam ruídos mínimos e comumente imperceptíveis a nossa audição. Numa perspectiva poética, uma linguagem que procuro ressaltar neste artigo, adentrando o mundo animal e vegetal como num mergulho, seguindo os preceitos do Chtuluceno (Haraway, 2016), seu trabalho ressoa com a ideia de António Gedeão sobre a solidão e a independência das árvores, pois Rose, ao trabalhar com essa investigação sonora, adentrando muitas vezes lugares inóspitos, também busca uma conexão íntima e solitária com a natureza, valorizando a pureza e a beleza dos sons naturais, seja no registro ou no sentir. Parece-me que Rose se equipara ao “irmão” no poema de Barros, pois, tanto um quanto o outro, no “estágio de ser árvore”, metamorfoseiam-se, descobrindo que uma casa vazia de cigarra “no tronco das árvores só serve para poesia” (Barros, 2006)

É preciso “fundir-se” ao ser para entendê-lo, sentir bicho ou vegetal e até mesmo mineral para compreender a sua essência e o seu modo de estar, aprendizados que concebemos ao adentrarmos à poética de Manoel de Barros, que nos traz ensinamentos profundos sobre esse modo Chtuluceno de experienciar a vida. Ao pensar em fundir-se poeticamente ao ser para compreender o seu modo de estar, chegam-me uma passagem da crônica “Bicho (I), escrita por Clarice Lispector, que conclui esse pensamento da melhor forma:

Às vezes me arrepio toda ao entrar em contato físico com bichos ou com a simples visão deles. Pareço ter certo medo e horror daquele ser vivo que não é humano e que tem os nossos mesmos instintos, embora mais livres e mais indomáveis. Um animal jamais substitui uma coisa por outra, jamais sublima como nós somos forçados a fazer. E move-se, essa coisa viva! Move-se independente, por força mesmo dessa coisa sem nome que é a Vida. (Lispector, 1999, p. 332).

Esta ideia de fundição do eu, humano, com a natureza é um ensinamento ancestral aplicado à filosofia dos povos originários. O pensador e filósofo indígena brasileiro, Ailton Krenak, em *A Vida Não É Útil* (2020), tece, assim como Haraway (2016), uma evidente crítica a visão antropocêntrica que coloca o ser humano como central na ordem do mundo e ao antropoceno, condenando as suas ações destrutivas, provocando uma descentralização do humano em suas propostas críticas. Krenak defende que “é como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade” (2020, p. 10), referindo-se não somente aos caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas aos animais e vegetais também. Em primeira análise, tem-se que o poema de Gedeão, ao centrar a sua “descrição” nas árvores como entidades que “não pensam, não suspiram, não se queixam” (Gedeão, 1990, p. 129), inicialmente pode reforçar uma visão de inutilidade. Mas, a descrição das árvores como seres que, mesmo sem consciência florescem, transcende a ideia de “utilidade humana”, conectando-se à crítica de Krenak ao utilitarismo.

O poeta brasileiro talvez vá além dessas ideias postas acima, ao incorporar diretamente o “irmão” à árvore, desafiando as fronteiras tradicionais e antropocenas, entre sujeito e objeto, humano e natureza. Não somente pelo

seu discurso poético, mas pelo fato da poesia, enquanto força que nos move, desafiar-nos com as suas imagens, sons, formas e potências, outras realidades para além da lógica com que precisamos lidar na vida prática. A transformação do “irmão” em árvore subverte a lógica antropocêntrica, atribuindo à árvore uma agência e uma sabedoria que ultrapassam o conhecimento adquirido na escola ou na igreja, como apontado acima, estando em convergência conforme Krenak (2020) propõe, porque apreendeu o conhecimento passado pela natureza que somente é possível quando nos desprendemos da ideia de acúmulos, pressa, competição, centralidade num ritmo Capitaloceno (Haraway, 2016), porque ao ser e sentir-se árvore, afirma o eu lírico do poema de Barros: Meu irmão agradecia a Deus aquela permanência em/ árvore porque fez amizade com as borboletas. (Barros, 2006, p. 32).

3 Passos para o último voo

Por fim, evidencia-se no poema uma ideia de natureza que é o lugar mais almejado junto com os bichos, onde se agradece a Deus. É pelo estado “arvoreado” que o irmão do sujeito lírico no poema de Barros encontra a plenitude. Entendemos essa questão pois noutro poema *O apanhador de desperdícios* (2003) de Manoel de Barros, nós devemos instaurar como superior o movimento de prezar mais por insetos que aviões; prezar a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis, ter em si um atraso de nascença, que é o de ser aparelhado para gostar de passarinhos e, portanto, tomando o último verso do poema de Barros analisado aqui, chegar a um lugar-além, utópico, por excelência, por poder fazer amizade com as borboletas.

Assim, tanto Bou, com as suas ornitografias, quanto Gedeão, Rose, Barros, questionam os limites da percepção humana. E isso expande a nossa percepção de tempo porque vemos, seja nas fotografias quanto nos poemas e nos sons, simultaneamente vários passados sobrepostos revelando uma ordem e uma beleza escondidas. Se pudermos nós, sobrepormos nossas pegadas, como Bou faz com os pássaros, ou nos arvorificarmos, como poetiza Barros, ou até escutar com atenção a natureza de modo a rastrear nossas ações enquanto humanos e enxergarmos que mesmo com os tropeços tiveram espaço na nossa vida e foram cruciais para a nossa história enquanto indivíduo, por que não expandirmos essa ideia de existência através da coexistência com os outros seres vivos transformando a ideia que temos das relações? E se nos forçarmos a ver que tudo é passo na dança das nossas vidas? Desconfia-se de que nós seríamos menos duros conosco e com os outros, que talvez nós fôssemos mais conscientes de nossas atitudes e do impacto delas ao nosso redor, especialmente com a vida na terra, compreendendo que a ideia de Antropoceno é nociva e adoce os instantes.

Os poemas de António Gedeão e Manoel de Barros, ao serem analisados sob uma perspectiva Ecocrítica, revelam-se como importantes textos que desafiam o antropoceno e lançam luz à uma visão integrada do mundo natural, como elucida Donna Haraway. Através da solidão das árvores em Gedeão e da fusão entre humano e árvore em Barros, os poemas oferecem diferentes, mas complementares, formas de pensar a relação entre humanos e natureza, alinhadas com as discussões contemporâneas da ecocrítica. A perspectiva ecocrítica e os pressupostos teóricos de Haraway nos ajudam a entender essas obras como convites para repensar nossas relações com o meio

ambiente, promovendo uma coexistência mais harmoniosa e respeitosa.

Talvez tentar compreender, mirando nessa harmonia e afirmar que tudo pode ser passo de dança ou caligrafia que riscamos no céu com ternura, nos levando a um estado de consciência poética permanente, seja um saber que carregamos, advindo de muito longe, porque, como potencializa o filósofo brasileiro Krenak (2020), uma comunicação amorosa com o mundo é um saber. Bem como emparelha-se, com a fala do filósofo e poeta quilombola Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, afirmando que “um rio não deixa de ser um rio porque confui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece.” (2023, p. 15). Assim somos e fomos e seremos nós a partir do impacto e das potências dos encontros e das relações que estabelecemos com tudo, todas e todos.

Para que eu, o outro/a e todos/as nós, aprendamos com a cosmopoética — forma primeira da ecologia — os sonhos do porvir, decreta Bona (2020), precisamos com todas as forças reabilitar as potências do sonho e da poesia: essa inteligência do sensível que retesa o arco íris do possível.

Na origem de toda espiritualidade e de toda especulação teórica, está a experiência poética: a apreensão do mundo como totalidade viva, a instituição de que todos os elementos que nos cercam, nos atravessam e nos compõem — o vegetal, o mineral, a água, o ar, as ondas magnéticas — se correspondem, se entrelaçam e formam um único mesmo cosmos. (Bona, 2020, p. 10-11)

Novamente, então, pergunto, desta vez aparelhado ainda mais pela força da poesia: quem se interessaria em desvendar o caminho que um pássaro traça no céu, a floração

milimétrica das árvores, permitir-se apreender melhor o azul, fundir-se ao corpo de uma árvore, desumanizando-se, arvorecendo? Em um universo fragmentado, repleto da velocidade de mísseis e misérias, filtros e urgências, quem daria atenção a tais questões? Se isso pode ser encarado como, em essência, questionar a utilidade da poesia e seu poder de transformar o mundo, que façamos urgentemente.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta, 2003, p. 67.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo, Editora Leya, 2006.
- BISPO, Nego. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo, Editora Ubu, 2023.
- BONA, Dènétem Touam. **Cosmopoéticas do Refúgio**. Trad. Milena P. Duchiate, Ed. Cultura e Barbárie, 2020.
- BOU, Xavi. **Revealing the hidden beauty of bird flight | Xavi Bou | TEDxKonstanz**. YouTube, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XtBDvjyKZo> o. Acesso em: 1 set. 2024.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura: in **Textos de intervenção Vários escritos**. São Paulo, editora 34, 2002
- CEZAR, Pedro (Diretor). **Só Dez Por Cento é Mentira** [Filme]. Arzetanato Eletrônico, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZdDmLBPqDvY>.
- COOK, Ben. **Why does the "Mexican Wave" form in stadiums?** Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=e28PSnXGgo>
w. Acesso em: 1 set. 2024.

GEDEÃO, Antônio. **Obra Poética**. Edições João Sá da Costa, 1990.

GLOTFELTY, Cheryll. Estudos literários em era de crise ambiental, trad. Google. In: GLOTFELTY, Cheryll, FROMM, Harold, editors. **The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology**, University of Georgia Press, 1996.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Trad. Moreira. Ed. Bazar do Tempo, 2003.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte, Ano 3, N. 5, Abril de 2016. ISSN 2359-4705

KRENAK, Ailton. **A Vida Não É Útil**. Companhia das Letras, 2020. LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. Companhia das Letras, 2013.

LISPECTOR, Clarice. Bichos (I), In: **A descoberta do Mundo**. Editora Rocco, 1999.

POUND, Ezra. **Os Cantos**. Introdução e tradução de José Lino Grünwald; apresentação de Gerald Thomas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

RAMOS, Regina. **As descobertas da bioacústica no reino animal: elefantes que se nomeiam e alfabeto dos cachalotes**. Jornal da USP, 20 de agosto de 2024. Disponível

em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/as-descobertas-da-bioacustica-no-reino-animal-elefantes-que-se-nomeiam-e-alfabeto-dos-cachalotes/>. Acesso em 27 ago. 2024.

REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Abelhas: por que são importantes e como podemos evitar seu desaparecimento**. 20 de mai. de 2022, atualizado 23 de mai. de 2022. Disponível em:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2022/05/abelhas-por-que-sao-importantes-e-como-podemos-evitar-seu-desaparecimento>
Acesso em 28 ago. 2024.

SAAVEDRA, Carola. **O Mundo Desdobrável: Ensaios para Depois do Fim**. Relicário, 2021.

ZUCKERMAN, Catherine. **Se pássaros deixassem pegadas no céu, elas seriam assim**. National Geographic Brasil, 27 de fevereiro de 2018. Atualizado em 5 de novembro de 2020. Disponível em:
<https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2018/02/pegadas-rastros-de-aves-padrees-de-voo-passaros-ceu-arte-tecnica>. Acesso em 25 ago. 2024.